



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do termo de compromisso para expansão e modernização da refinaria potiguar Clara Camarão e início das obras para produção de gasolina na unidade de Guamaré (PAC)

Guamaré-RN, 19 de novembro de 2009

Companheiros e companheiras de Guamaré,
Companheiras e companheiros do Rio Grande do Norte,
Companheiras e companheiros da Petrobras,
Minha querida companheira governadora do estado do Rio Grande do Norte, Wilma de Faria,

Companheiros ministros Geddel Vieira Lima, ministro da Integração Nacional. Eu queria pedir para os companheiros do Rio Grande do Norte que, quando tiverem tempo, por favor, façam um turismo nas obras do canal do São Francisco, que vocês vão ficar tão impactados como eu fiquei. E, logo, parte dessa água chegará ao estado do Rio Grande do Norte.

Companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,
Meu caro Iberê Ferreira de Souza, vice-governador do estado do Rio Grande do Norte,

Deputados federais, companheira Fátima Bezerra, companheiro Henrique Eduardo Alves e companheira Sandra Rosado,

Meu companheiro presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli,
Meu caro companheiro Auricélio dos Santos Teixeira, prefeito de Guamaré, por meio de quem cumprimento os prefeitos presentes,

Companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de abastecimento da Petrobras,

Nosso companheiro Guilherme Estrella, da área de exploração e produção,



E cumprimentar o companheiro Ney Argolo, gerente-geral da Refinaria Potiguar Clara Camarão,

Cumprimentar os companheiros da imprensa, e dizer para vocês da alegria de estar aqui em Guamaré.

A mim, pouco importa aquilo que alguns adversários dizem do que nós estamos fazendo. Adversário é exatamente para isso. Se não fosse assim não seria adversário. O problema é que os nossos adversários estão com um problema, e um problemaço, porque eles vão ter que encontrar um assunto para discutir conosco. Porque eu, sem ter os números aqui na minha frente, e o que eu vou dizer vale para o Rio Grande do Norte, vale para São Paulo, vale para o Rio, vale para Pernambuco, vale para Roraima, vale para o Amapá, vale para o Rio Grande do Sul, vale para qualquer estado. Eu duvido que todos eles juntos, nos últimos 20 anos, fizeram os investimentos que nós fizemos nos estados brasileiros. Falo sem medo de errar. Porque a hipocrisia chega a tal ponto que as pessoas acham que nós descobrimos o pré-sal por sorte. O homem chegou à Lua por sorte, o homem inventou o avião por sorte, a febre amarela foi controlada por sorte, a vacina contra o tifo foi sorte. Na verdade, o que essas pessoas não percebem é que sorte todo mundo quer ter, sobretudo, o goleiro do Flamengo, domingo, quando jogar com o Corinthians. Precisa ter muita sorte, porque a impressão que eu tenho é que o Ronaldão vai bombar no Maracanã. Então, o goleiro tem que ter sorte mesmo.

Agora, a verdade é que as pessoas precisam aprender a aliar a sorte a um pouco de competência e a um pouco de decisão política de fazer pesquisa na hora certa. Ora, se nós não tivéssemos investido em pesquisa, certamente, nós não teríamos descoberto o pré-sal. [Assim] como se nós não tivéssemos investido em pesquisa, nós não teríamos feito o biodiesel. E não diga que foi sorte do Lula. Foi incompetência deles, porque desde 1975, portanto, eu ainda estava assumindo a minha primeira presidência no Sindicato dos Metalúrgicos



de São Bernardo do Campo, que o pesquisador e professor Expedito Parente, da Universidade Federal do Ceará, patenteou o biodiesel. Eu só fui chegar ao governo em 2003. Portanto, de [19]75 até 2003, eles poderiam ter transformado o biodiesel em combustível. Não fizeram, fomos nós que fizemos. Eles não fizeram.

Ora, da mesma forma que eles sabiam que o País tinha um problema sério na Educação, que faltava universidade neste país, que faltavam escolas técnicas profissionais. Todos eles tinham diploma de pós-graduação. Eu, mal e porcamente, tenho um curso de torneiro mecânico, mas tenho um diploma de conhecimento do Brasil que eles não têm e da realidade do povo brasileiro. Então, veja, (falha no áudio) que esse estado está recebendo nove novas escolas técnicas. Não é à toa que esse estado recebeu (falha no áudio) Federal Rural do Semiárido, a Ufersa, com três novos campi. Eles poderiam ter feito isso, eles governam o Brasil desde que a República foi proclamada. Mas eles são daqueles que, quando tem comida no prato deles, eles não lembram daqueles que têm fome, não lembram daqueles que não têm o prato cheio.

Então, eu... Nem sei por que comecei falando isso, talvez porque o Lobão tocou no assunto, e a Wilma, mas eu vinha dizendo para o Lobão no avião que eu estava em Roma, nesses dias, e ganhei um livro – eu não leio em italiano, obviamente, mas essa frase eu entendi. No livro dizia o seguinte: “Preocupe-se menos com as críticas dos seus adversários e mais com o silêncio dos seus companheiros”.

Nós temos clareza do que essa obra significa para o estado do Rio Grande do Norte. Eu passei um papelzinho para o José Sergio Gabrielli, para ele lembrar de forma carinhosa, sem cobrar... Sabe, Wilma, aquele negócio das reuniões que a gente faz com o prefeito, que a gente atende o prefeito, atende o prefeito, e quando ele pega o microfone, que a gente pensa que ele vai agradecer, ele apresenta uma nova pauta de reivindicação. Isso é que nem petroleiro, é que nem petroleiro, é que nem sindicalista. Você atende 99% das



coisas, o desgramado pega o microfone para falar, você pensa que ele vai reconhecer uma coisa que você fez, ele vai cobrar aquele 1% que falta. Então, nós já estamos habituados a isso.

Eu falei para o José Sergio: nós temos um problema aqui, no Rio Grande do Norte, que é sério se a gente não resolver. É que nós precisamos perfurar novos poços e estamos encontrando um pouco de problema de equacionar a questão ambiental que precisamos resolver, obviamente, sem agredir o meio ambiente, nós precisamos.

Agora, se a gente não fizer novos poços, as sondas terão que ir embora e isso será um prejuízo para o estado. Eu não quero, a Wilma não quer, vocês não querem e ninguém quer. Em Mossoró tem poço perfurado há 30 anos, e ele vai secando. É preciso abrir novos poços. E aí nós precisamos sentar juntos, não pode ser uma coisa que a governadora quer, a Secretaria de Meio Ambiente não quer, ou a Secretaria quer, a governadora não quer. Não. É tudo um governo só, é só pensar nos interesses prioritários do estado e a gente fazer, sem criar nenhum problema, aquilo que é necessário fazer. Porque a verdade é que nós precisamos preservar o meio ambiente, sim. É uma condição *sine qua non*... Vocês gostaram do *sine qua non*? Eu, de vez em quando escapam umas palavras difíceis assim, eu... Mas, veja uma coisa, nós precisamos ter clareza de que fazer investimento aqui é extremamente importante para o estado e a gente precisa fazer ela [fazê-lo] preservando o meio ambiente. Mas vocês estão vendo o que está acontecendo para Copenhague. Em setembro de 2003, eu fui fazer um discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas e eu assumi o compromisso de que nós iríamos, até 2020, reduzir o desmatamento em 80%. Não pensem que é pouca coisa, não. E aí eu vejo nos jornais que o Presidente dos Estados Unidos, que é o país que mais polui o mundo porque é mais industrializado, ele está assumindo o compromisso de fazer uma diminuição da emissão de gás de efeito estufa menor do que a que nós estamos propondo só para a Amazônia. E são eles



que poluem, e poluem há mais tempo. Nós fizemos uma proposta agora, Wilma, de uma redução de 36,1% a 38,9% até 2020. É, na verdade, a maior e melhor proposta apresentada por um país emergente, e a gente não tinha obrigação de apresentar. A gente não tinha obrigação de apresentar porque nós não fazemos parte dos países desenvolvidos que fazem parte do anexo 1.

Nós apresentamos porque nós conquistamos o direito de andar de cabeça erguida neste mundo. E nós queremos mostrar: se é para valer a questão do Planeta, se é para valer a questão do aquecimento global, o Brasil vai fazer a sua parte. Mas nós não queremos fazer a nossa parte para impedir o nosso crescimento e eles continuarem crescendo, produzindo carro cada vez maior, parece mais uma banheira do que um carro. Eles poderiam utilizar carro a álcool. A gente vende o carro e vende o álcool junto para eles, o que é muito melhor e não emite gás de efeito estufa. Eles poderiam fazer parceira conosco, utilizar biodiesel e não usar óleo diesel. Por que eles ficam tentando encontrar aquilo que eles sabem que não vão encontrar logo, que é fazer um carro a hidrogênio? Então, enquanto não faz um carro a hidrogênio, diminui o consumo de petróleo dele, compra o nosso biodiesel, o nosso etanol, já com 25 [%]... Ou pode comprar nossa gasolina já misturada com 25 [%] de etanol, e vai ficar melhor para a agricultura de cada país. E nós vamos pensar. E nós vamos mudar nossa matriz siderúrgica aqui no Brasil, e vamos tentar mudar do carvão mineral para o carvão vegetal. Porque a gente sequestra carbono quando a árvore está crescendo, e a gente emite menos quando a gente está queimando carvão.

Então, o Brasil vai para Copenhague mostrando o que a gente vai fazer. Não falamos da Petrobras porque vocês ainda não têm pesquisa para saber quanto que a gente vai diminuir com o pré-sal, porque o pré-sal tem, lá embaixo, um gás com muito enxofre, se não falha a memória, que nós vamos precisar discutir o que fazer com ele. O ideal é reinjetá-lo. Mas isso a gente não colocou na contabilidade ainda não, porque é uma coisa nova, a gente não vai



colocar. Por que eu estou dizendo esse negócio do clima? Porque é verdade que hoje a questão do clima é uma preocupação mundial. Se houver um aquecimento de 2 graus nos próximos 30 anos, pode subir a água do mar, muito. E muitas ilhas e muitas cidades à beira do mar podem sofrer problemas sérios. Ora, se cientificamente nós já sabemos disso hoje, por que sermos irresponsáveis e esperar acontecer para a gente começar a cuidar? Nós temos que cuidar enquanto é tempo. E o Brasil, então, vai para Copenhague preparado para mostrar que nesse assunto nós não temos medo de debater nem com americano, nem com chinês, nem com francês, nem com alemão, nem com ninguém. Nós estamos cientificamente preparados para fazer esse debate, com números que podem ser mensurados.

Agora, o que nós não queremos é que venham fazer fiscalização aqui. Esse negócio de achar que pode vir fiscalizar o Brasil... Nós queremos para eles a soberania deles. Mas, por favor, este país não é tão rico quanto eles, mas temos tanta ou mais vergonha do que muitos países têm quando se trata de controlar o meio ambiente.

Dito isso, eu queria dizer para os companheiros que nós estamos chegando ao final de um mandato. Passa rápido para mim, para “desgraça”, mas demora para a oposição, e eu compreendo. Eu compreendo que oito anos, para quem está no governo, é pouco, mas para quem está na oposição é uma eternidade. E, por isso, é importante que haja uma espécie de alternância de poder, de rotação, para a gente exercitar a democracia em toda a sua plenitude.

Tem gente... Não, deixe eu falar uma coisa para vocês: com a democracia a gente não pode brincar. Porque tem gente que fala: “fica mais um, depois fica mais outro...” Aí, começa a nascer um ditadorzinho. Na política, a gente não pode se achar nem insubstituível nem imprescindível, ou seja, é sempre importante a gente acreditar que vem alguém melhor, para fazer mais, para fazer muito mais.



Ora, então eu fico já começando a pensar como é que a gente vai mostrar o que a gente fez. Eu vou dizer algumas coisas que vocês não sabem e que vão saber – se entrassem no site da Presidência já saberiam, mas não entraram, então, não sabem. Então, eu vou dizer – nós temos site, temos até Blog, agora, do Planalto, estamos chiquérrimos aqui neste negócio. Vocês não...

Mas [vou] contar uma coisa para vocês. Esses dias, eu fui a Londres fazer um debate. Eu estou tão chique que eles me deram lá o título de Estadista do Ano, imaginem. Imaginem, sair de Garanhuns para não morrer de fome e ir para City. City é o lugar mais chique da economia mundial, é onde está, assim, o que vocês podem pensar de melhor. E os caras me deram o título de Estadista do Ano. Eles, que tinham medo de mim pouco tempo atrás. Mas eu estou dizendo isso porque estava lá o Guido Mantega, fez uma extraordinária palestra; estava o Meirelles, fez uma extraordinária palestra; e todo mundo falou da macroeconomia, da grande economia, dos 300 e não sei quanto bilhões de dólares do PAC, dos US\$ 174 bilhões da Petrobras, do trem de alta velocidade, era só... Eu, Wilma, nunca vi tantos bilhões na minha vida. E eu, então... Aquele bando de gente sabida, falando números e números. Eu falei: o que vai falar aqui um matuto de Garanhuns?

Aí eu resolvi falar da nossa microeconomia porque, no fundo, no fundo, a microeconomia é uma coisa fantástica. Quando eu cheguei no governo, tinha companheiros na... - o José Sérgio, como é economista, sabe disso - tinha gente famosíssima na economia e nos vários governos que achava que se a gente aumentasse o salário-mínimo a gente traria a inflação de volta. Nós estamos aumentando o salário-mínimo há sete anos consecutivos e a inflação está com o rabo entre as pernas, controlada. E foi esse aumento do salário-mínimo para as pessoas que ganham o mínimo, mais programas como o Bolsa Família, mais investimento no Mais Alimentos, mais investimento no Pronaf, mais as coisas que nós estamos fazendo, gerando empregos, é que



permitiram que no mês passado o povo das classes D e E do Norte e do Nordeste – D e E são os mais pobres –, que permitiram que no mês de outubro o povo brasileiro mais pobre, das classes D e E do Norte e do Nordeste, consumisse mais do que as classes A e B da região Sul deste país.

Porque tem uma lógica na economia que não precisa ser doutor para saber. Se eu tiver R\$ 1 mil e eu der R\$ 1 mil para o José Sergio Gabrielli, só ele vai tomar uma cerveja, só ele vai levar a mulher dele para jantar. Agora, se eu pegar aqueles R\$ 1 mil e, em vez de dar para ele, eu pegar cem pessoas e der R\$ 10,00 para cada uma, todo mundo vai levar um pão para casa, um quilo de feijão e um litro de leite para comer todo dia. E é exatamente isso que está acontecendo na economia brasileira.

Eu estava com um calor (incompreensível) ali, agora aqui começou a fazer um vento, que eu não sei onde está esse vento. Essas coisas chiques da Petrobras aqui que... Eu estava suando ali, daqui a pouco eu estou aqui, parece que vai fazer uma torre de conduzir energia eólica, aqui, de tanto vento.

Bem, então, essas coisas que estão acontecendo na economia, que muita gente ainda não entendeu. As pessoas não têm dimensão. Quem ganha R\$ 6 mil, R\$ 10 mil ou mais não tem dimensão do que significam R\$ 100,00 na mão de um pobre, não tem dimensão. Porque, vamos dizer, quem ganha R\$ 10 mil, se um belo dia se junta com dois, três companheiros, vai para um boteco, enche o “caco” de cerveja, aí pega e dá R\$ 100,00 de gorjeta para o garçom: “toma aí”. O garçom está pensando até que vocês assaltaram um banco, sabe? Mas dá R\$ 100,00 de gorjeta. Isso, vocês deram de gorjeta para tomar uma cerveja. Agora, imaginem uma mãe de família com dois, três, quatro filhos em casa, vendo a lombriga maior comer a menor, de fome, ela pega R\$ 100,00 e entra em um supermercado, ela vai levar sustância para aquela molecada passar umas duas semanas.

Então, é um milagre. Esse milagre é que está acontecendo no País. E aí, eu vou entrar... O que eu disse para os empresários ingleses? Eu falei para



os empresários ingleses do programa Luz para Todos. Porque quando a gente faz um programa desses, aqui neste estado, Wilma, o Luz para Todos atende 252 mil pessoas, já. Então, eu acho que 52 mil famílias já beneficiadas. Quando a gente fala programa Luz para Todos, tem gente que nunca teve problema de falta de energia na sua casa, a não ser quando apaga, assim, que fala que... para a novela, fica xingando todo mundo, não é? Porque não sabe onde é que vai o artista, não sei das quantas, mas nunca viveu à base do candeeiro. Então, a pessoa que nunca viveu à base do candeeiro, a pessoa não tem noção do significado e, muitas vezes, me faz crítica: “Ah, mas o Lula fica gastando dinheiro só com os miseráveis, não sei das quantas. E nós aqui?”.

Bem, então vou dar uma resposta para vocês. O programa Luz para Todos, nós atingimos agora, em outubro, 2 milhões e mais ou menos 100 mil famílias, é isso, Lobão? Lobão? Lobão? Dois milhões e 100 mil famílias. Isso representa mais ou menos 11 milhões de pessoas, partindo do pressuposto que cada família mora em uma casa e cada casa tem quatro ou cinco pessoas. Certamente, em um lugar mais pobre, por falta de jogo do Corinthians e por falta de novela, tem sempre um “bruguelinho” a mais ali naquela casa.

Bem, então... vocês sabem o que nós já utilizamos para o programa Luz para Todos? Pensem, 1 milhão de quilômetros de fio, 1 milhão de quilômetros de fio, na semana passada eram 906 mil quilômetros. Já chegou a 1 milhão, Gabrielli. Vocês sabem quantas voltas a gente dá no planeta Terra com 1 milhão de quilômetros de fio, vocês sabem? Eu também não sei. Alguém vai ter que pedir para um foguete nosso ir lá e... Nada, nós medimos, é quase 25 voltas no planeta Terra a quantidade de fio que nós utilizamos no programa Luz para Todos, produzido por trabalhadores brasileiros e por empresas brasileiras. Sete milhões, não, 4 milhões. Bem, então, vocês sabem o que nós já utilizamos no programa Luz para Todos? Pensem: um milhão de quilômetros de fios. Um milhão de quilômetros de fios, na semana passada eram 906 mil quilômetros, já



chegou a um milhão, Gabrielli. Vocês sabem quantas voltas a gente dá no planeta Terra com um milhão de quilômetros de fios? Vocês sabem? Eu também não sei. Alguém vai ter que pedir para um foguete nosso ir lá e... Nada, nós medimos, são quase 25 voltas no planeta Terra, a quantidade de fios que nós utilizamos no programa Luz para Todos, produzidos por trabalhadores brasileiros e por empresas brasileiras. Sete milhões, não, 4 milhões e 800 mil postes feitos por brasileiros, gerando emprego para brasileiros; 800 mil transformadores feitos por brasileiros, gerando emprego para os brasileiros e pagando salário para os brasileiros. Então, imaginem um milhão de quilômetros, quase 5 milhões de postes e quase um milhão de transformadores.

Bom, é só isso? Não, tem mais. Nós fizemos uma pesquisa pelo Ministério de Minas e Energia: 83% das pessoas que recebem o Luz para Todos, a primeira coisa que fazem é comprar uma televisão. Sabe o que isso significa, 83% de pessoas comprando televisão? Significa que as lojas venderam 1 milhão e 578 mil televisores produzidos no Brasil, gerando empregos no Brasil, para o comércio, na fábrica, e pagando salário para trabalhadores brasileiros. Mas foram só televisores? Não. Setenta e sete por cento compraram geladeiras, geladeiras feitas no Brasil, vendidas na cidade, gerando emprego e gerando salário para as pessoas. Só aparelho de som foram vendidos, até dois meses atrás, 989 mil aparelhos de som, porque também as pessoas gostam de um forrozinho, não é isso? Quem aqui não gosta de um chameguinho, quando chega do trabalho, com um forrozinho? Bem, aqui vocês gostam de forró, não gostam? Gostam.

Então, agora imaginem o que foi de liquidificador; imaginem o que foi de casa de farinha; imaginem o que foi de uma série de coisas. Porque no Programa Luz para Todos, nós fazemos a ligação de graça, damos três tomadas de graça e três bicos de luz. Vocês sabem, no Amazonas, quanto custa uma ligação agora? Mais de US\$ 3,5 mil. Se a gente fosse pensar na



viabilidade econômica, a gente não faria. Para que eu vou levar luz para um cara que está lá no fim do mundo? Economicamente não compensa, é melhor eu levar luz aqui para o centro de Natal, porque com um poste só eu puxo um monte de fios, ligo um monte de casas e eles pagam. Lá, os coitados não podem pagar. E como nós entendemos que o coitado que está lá tem o mesmo direito que nós, que estamos aqui, nós temos a obrigação de levar, mesmo se for de graça, custe o que custar, para essas pessoas. É essa, um pouco, a diferença do que está acontecendo no Brasil.

Eu vou dar um dado para os companheiros que já estudaram, aqui. Em 1909 o presidente Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica no Brasil, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, em 1909. De 1909 a 2003, todos os presidentes da República que passaram pelo governo, em quase 96 anos, fizeram ao todo 140 escolas técnicas. Nós, só neste ano, vamos inaugurar 100. E vamos terminar o mandato, em 8 anos, fazendo uma vez e meia de tudo o que foi feito em 100 anos neste país. As universidades, os dados que eu dei aqui, é que nós estamos fazendo no Brasil 14 universidades novas e estamos fazendo 105 campi avançados. Aqui, eu falei três, mas é pelo Brasil inteiro. E por que nós estamos fazendo isso? Possivelmente, porque como eu não tive o direito de ter um diploma universitário, não pude ter... Se bem, José Sergio, eu gostaria de ser economista. Eu acho tão bonito o economista fala número, número, número, e quando é oposição, então, ele sabe de tudo. Eu nunca vi bicho sabido para saber das coisas como economista de oposição e para ver catástrofe. Agora, quando chega no governo, ele esquece tudo o que ele sabia porque, aí, acabou a tese acadêmica, aí é pão-pão, queijo-queijo. Mas eu gostaria de ser, eu gostaria de ser ou isso ou advogado, que é um bicho falador. Eita, bicho da peste sabido, fala umas palavras! Jamais Caetano chamaria de analfabeto um advogado falando, letrado, essa *sine qua non* eu aprendi com os advogados.

Bem, então o que eu descobri? Que era a minha obrigação não permitir



que os filhos dos brasileiros, no meu governo, tivessem a mesma dificuldade que eu tive, no governo deles. É que é preciso apresentar para a juventude brasileira uma perspectiva, porque se o jovem não tem perspectiva de trabalhar nem de estudar, vai ser apresentada para ele a perspectiva da sacanagem, do crime, do narcotráfico e outras perspectivas, porque as pessoas sem ter o que fazer não pensam coisa boa.

Pois bem, então nós estamos dando esse passo extremamente importante no País. Aqui nesse estado, em 93, os companheiros da Petrobras se lembram que a minha caravana passou em Mossoró. E lá em Mossoró eu fui avisado por um companheiro petroleiro que tinha um poço da Petrobras que tinha sido perfurado e que tinha dado água, e que dava uma vazão de água de 250 litros por hora. E que a Petrobras, na época, tinha procurado o governo da época... Não deve ser diferente, viu, Wilma, dos candidatos de hoje. Porque aqui também, neste estado, você é exceção. Você foi a pessoa que rompeu com o coronel “A”, que é parente do “B”, porque é tudo parente aqui. É inacreditável, inacreditável que no Nordeste tem cidade em que pai e mãe ficam adversários para disputar eleição. Filho e pai, compadre e comadre, ou seja, eles dão um jeito. Passam três anos e meio tudo ali, juntos. Mas quando faltam seis meses, estão em partidos diferentes e um xingando a mãe do outro.

Bem, então eu descobri... Eu não sei quem foi o governo da época, não sei quem foi. Não vou fazer acusação em falso sem saber quem foi. Mas a Petrobras me comunicou que tinha procurado o governador e pedido para ele comprar uma bomba, que a Petrobras instalaria a bomba. Então, o governador, certamente por ser caro, não comprou a bomba. À Petrobras não restou outra alternativa senão tamponar... Vejam minha linguagem chique. Se fosse um peão qualquer, falaria: “tapar o poço”. Na nossa linguagem de petroleiro é tamponar. Então, é isso? “Bichinho” esperto aqui, meu filho. Então, esse poço foi tamponado.

Em [19]93, eu ouvi essa história e fui com essa história na cabeça.



Quando eu ganhei as eleições, o nosso companheiro José Eduardo Dutra foi indicado presidente da Petrobras, a primeira coisa que eu pedi para ele foi o seguinte: eu quero abrir o poço lá em Mossoró, para levar água não sei para quem, mas eu quero abrir aquele poço para a gente levar água. Demorou um tempo também, não é, companheiro José Sergio? Demorou mais do que... Porque eu achei que era só abrir o poço e colocar um cano. Não. Mas tem que colocar um cano, tem que levar na casa das pessoas, tem que fazer... Demorou, mas graças a Deus, me parece que essa parte do meu poço de [19]93 está pronta. Não sei nem quem [vai] receber a água, mas eu sei que está pronta. E, por isso, a Petrobras vai ter que perfurar mais poços, aquele que der água nós vamos aproveitar a água e ajudar o povo do Nordeste a não passar necessidade de água neste país.

Bem, eu quero terminar dizendo para os companheiros da Petrobras do orgulho que eu estou vivendo. Eu estou vendo acontecer coisas que nós sonhamos juntos. Não era um sonho meu, era um sonho de vocês. Eu lembro da primeira discussão que nós fizemos sobre a indústria naval brasileira. As pessoas diziam que nós não tínhamos tecnologia, não tínhamos engenharia, não tínhamos competência para recuperar a nossa indústria naval, que a gente tinha que comprar sonda em Cingapura, tinha que comprar plataforma na Noruega, tinha que comprar não sei o que na China. Nós compramos essa briga e hoje, companheiros, graças a essa briga, a gente já recuperou a indústria naval brasileira, com perspectiva de a gente fazer todas as coisas da Petrobras aqui no Brasil: fazer plataforma, fazer sonda e fazer navio. Vocês não sabem a alegria, quando eu vou a um estaleiro no Rio de Janeiro. Mas já tem estaleiro no Nordeste. Aqui no Rio Grande do Norte nós temos um problema porque a água do mar é rasa, e aí precisa ter uma certa profundidade. Mas o dado concreto é que nós conquistamos essa coisa.

E a Petrobras... A Petrobras, antes de a gente assumir, ela só vivia na página dos jornais por vazamento de oleoduto. Era vazamento de oleoduto, era



plataforma que tombava e quebrava não sei para onde, era um monte de coisas. Quando eu fui indicar este moço aqui, ó – eu vou dizer aqui, de público – quando eu fui indicar este moço aqui para ser diretor financeiro da Petrobras, chegaram alguns conselheiros e falaram assim para mim: “Ô Presidente, o senhor não pode colocar o José Sergio Gabrielli de tesoureiro da Petrobras, diretor financeiro. O mercado não vai aceitar”. Ora, eu nunca tinha pedido um voto para o mercado, nunca. O único mercado que eu conhecia era um mercadinho popular de São Bernardo em que eu ia comprar uma macaxeira e uma farinha para fazer um sarapatel, de vez em quando.

Pois bem, eu indiquei este moço. Um ano e meio depois, ele foi eleito o melhor diretor financeiro das empresas de petróleo do mundo inteiro. Eu acho, sem desmerecer ninguém, eu acho que a Petrobras nunca viveu o momento exitoso que ela está vivendo hoje. É um momento muito promissor, que eu espero que os petroleiros não queiram tudo só para eles, para dividir um pouquinho com quem não é petroleiro: eu, por exemplo, eu.

Mas eu acho que essa descoberta do pré-sal vai permitir que a gente possa repetir o que a gente está fazendo aqui, em outros lugares da Federação, porque uma coisa é sagrada... Vocês estão vendo a briga, agora, pelo dinheiro do pré-sal. Agora todo mundo quer dinheiro do pré-sal. Uma coisa é certa: nós temos algumas prioridades. Educação, em primeiro lugar. Sem Educação nós não vamos a lugar nenhum. O melhor patrimônio que o pré-sal pode deixar para o futuro deste país é o povo brasileiro com uma alta formação educacional e profissional. Segundo, investimento alto em ciência e tecnologia, porque somente com investimento em ciência e tecnologia a gente vai dar um outro passo importante. Terceiro, vamos cuidar da questão cultural, cuidar da questão ambiental e cuidar da Saúde também. Se tiver todo o petróleo que o Estrella diz que tem, nós vamos cuidar disso e cuidar um pouco mais. O que a gente não pode é permitir que esse dinheiro do petróleo entre no ralo comum da Administração Pública e não surta os efeitos que nós precisamos. Deus não



dá muitas oportunidades para uma pessoa que não sabe aproveitá-las corretamente, e eu acho que esse é um momento de ouro para o Brasil.

Vocês vejam só... Aliás, Wilma, um pedido que eu vou fazer para você de público. Veja só: nós, que não éramos nada, agora temos, [em] 2011, Olimpíadas Militares; [em] 2014, Copa do Mundo; [em] 2016, Olimpíadas. E aí, Wilma, nós vamos fazer um desafio para os governadores e para os prefeitos, porque cada cidade e cada estado... obviamente que cada cidade coordenada pelo estado, nós precisamos começar a criar Olimpíadas municipais até 2016, fazer a molecada... moleque pequeno, de 12 anos, 13 anos, não gosta de brigar? Gosta. Vamos ensinar esse moleque a lutar boxe, judô. Ele quer brigar? Vamos ensiná-lo a brigar, mas respeitar os adversários. Meninas de 12, 14 anos, em vez de ir para a prostituição infantil, vamos ajudá-las a aprender, a fazer ginástica, a dançar, a nadar. Isso não pode ser feito pelo governo federal, isso tem que ser feito pelos três entes federados juntos. Uma empresa como a Petrobras tem que ajudar, a prefeitura tem que participar, o governo do estado e o governo federal, porque quando chegarem as Olimpíadas aqui, a gente não pode ganhar aquela merrequinha de medalha. Nós temos que ganhar mais medalhas e trabalhar com a perspectiva de que o Brasil mude de patamar e passe a ser um país que se coloque entre a primeira, até a quinta ou sexta potência olímpica. Nós temos condições para isso. O dado concreto é que nós nunca levamos isso a sério e agora vamos ser obrigados a levar. Quem sabe aqui desta Refinaria, com um patrocínio pequeno, mas justo, a gente possa ter um atleta campeão olímpico em 2016.

Esse desafio eu vou fazer para os empresários, para a prefeitura, para o governo. Eu já não vou ser mais Presidente, mas quero estar lá. Vai ter uma medalha de ouro para a terceira idade, eu não sei qual é a especialidade, mas deve ter... Não pode ser levantar copo, tem que ser uma coisa mais saudável, mas eu estou lá para competir e vou me inscrever.

No mais, meus queridos companheiros e companheiras do Rio Grande



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

do Norte, muito obrigado pelo carinho e parabéns à Petrobras.

(\$211A)